

24

Palavras de bom ânimo

Francisco Cândido Xavier

Envio-lhe o soneto que nos foi dado pelo poeta Cruz e Souza, muito lembrado por nós, num grupo de amigos, na véspera da sessão em que nos visitou. Alguns companheiros, entre eles senhoras da Guanabara, falavam sobre a possibilidade de recebermos mediunicamente uma página do poeta.

Um dos participantes da nossa conversação expressava o desejo de obter de Cruz e Souza algumas palavras de bom ânimo, em vista dos tropeços que vem atravessando na seara da fé, ante o trabalho de fraternidade que lhe foi confiado. No dia seguinte as nossas irmãs do Rio nos convidaram para ligeiro culto de oração. Para centralizar os pensamentos na prece, recorreremos à leitura de O Evangelho Segundo o Espiritismo que nos ofereceu o item 15 do capítulo XVIII para meditação.

Ao término do nosso ligeiro encontro espiritual, o nosso amigo Cruz e Souza veio até nós e deu-nos o soneto evidentemente dedicado em espírito ao amigo que esperava por ele. Sentindo que esse apelo nos serve a todos, passamo-lo às suas mãos.

24

Ao cultivador do bem

Cruz e Souza

Companheiro da Terra!... Companheiro,
Não te doa servir no solo obscuro,
Resguarda o sonho luminoso e puro
Sob os clarões do júbilo primeiro...

Vara lama, canícula, aguaceiro,
Vence o caminho áspero e inseguro,
Plantando o Bem nas leiras do Futuro,
O trigo excelso do imortal celeiro!...

Sofre, mas segue além das próprias dores,
Sê bondade e perdão por onde fores,
Olvida em prece o espanto que te invade.

Serve, tropeça, ergue-te e confia,
E encontrarás as fontes da alegria
Nas colheitas de luz da Eternidade.

24

A voz da experiência

Irmão Saulo

Fala a voz da experiência neste soneto de Cruz e Souza. Quem conhece a vida do poeta facilmente o reconhece nestas estrofes. Negro e pobre, arredio, fugindo às glórias ilusórias da Terra, sofreu na carne as provas do exílio e morreu tuberculoso. Seu talento fulgurante e sua poesia exponencial só foram reconhecidos depois da sua morte. Era o poeta maior do nosso Simbolismo e não o reconheceram em vida. Ele mesmo se retratou no soneto "Vida Obscura", como se vê no no seu primeiro quarteto:

*Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
Ó ser humilde entre os humildes seres.
Embriagado, tonto de prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.*

No soneto "Assim seja", escrito em vida, como o acima citado, Cruz e Souza já dava conselhos seme-

lhantes aos que agora envia ao companheiro que lhe suplica palavras de bom ânimo. Vejamos o seu último terceto:

*Morre com o teu Dever! Na alta confiança
De quem triunfou e sabe que descansa
Desdenhando de toda a Recompensa!*

Setenta e seis anos após a sua morte o poeta nos envia sonetos que o identificam pelo estilo, a temática e a posição pessoal diante do mundo e da vida. Os céticos perguntam se ele não teria evoluído, se não devia estar compondo em ritmo moderno. Se procedesse assim, como identificar-se? Nesse caso os céticos diriam: "Isso não é Cruz e Souza!"

O espírito volta, pelo pensamento, às posições antigas, reencontra o tempo perdido e nele se reintegra para nos dar a sua ficha de identidade. "Livre da matéria escrava", como ele mesmo escreveu em vida no soneto "Livre", o poeta se torna senhor do tempo que não é mais irreversível como lhe parecia na Terra. A experiência da sua própria dor então lhe serve para socorrer os que ainda sofrem no exílio. E ensina os que padecem a transformar o lodo em astros, como já antevira no soneto "Clamor Supremo" que nos deixou na sua poética terrena.

O problema da poesia mediúnica não é de crença, de aceitação pacífica e ingênua. Só podemos legitimar a mensagem poética através da crítica. O poeta se identifica pelo que ele era quando vivo e não pelo que ele devia ser. Toda a poética psicográfica de Chico Xavier (e toda a sua prosa) é marcada pelo selo dos autores espirituais. Este soneto de Cruz e Souza, como se vê, não pode ser atribuído a nenhum outro poeta. Traz o cunho do grande simbolista em todas as suas facetas.